

6 - S. Joaneira: entre a dona-de-casa e a cortesã?

Daiane Cristina Pereira¹

O *crime do padre Amaro* foi publicado em forma de folhetim na *Revista Ocidental*, no ano de 1875, sob a supervisão de Jaime Batalha Reis e Antero de Quental e, por isso, não teve a devida revisão do autor. Eça de Queirós, preocupado com a qualidade narrativa e com a repercussão causada pelo final da história, reformulou o livro no ano de 1876 e finalmente relançou sua versão definitiva em 1880. Influenciado pelas ideias radicais de intervenção na sociedade portuguesa, gestadas durante as famosas Conferências do Casino, o livro é tido como um contundente ataque do autor ao clero português, seguindo o espírito de desbaratar uma sociedade em crise moral, política e econômica, como consideravam os intelectuais que participaram de tais conferências.

Este livro, assim como todos os primeiros trabalhos do escritor português, é visto por vários críticos, como A. Campos Matos, no verbete sobre Proudhon do *Dicionário Eça de Queiroz* (MATOS, 1988, pp. 513-517), como influenciado pelas ideias do filósofo francês. O próprio Eça de Queirós, referindo-se ao começo da sua carreira, coloca-se como discípulo de Proudhon. Na introdução a *Uma campanha alegre*, diz: “Assim foi que, chegando da Universidade com o meu Proudhon mal lido debaixo do braço, me apressei a gritar na cidade em que entrava— *Morte à Tolice!*” (QUEIRÓS, 2000, p. 681). Tendo o próprio Eça de Queirós se colocado explicitamente como discípulo de Proudhon, é lugar comum na crítica queirosiana ver seus temas e personagens ligados às ideias do filósofo francês, principalmente no que diz respeito às personagens femininas.

Proudhon, em 1858, observando o encaminhamento e as conquistas dos movimentos feministas, escreve a famosa fórmula em que ele quer que se insira o destino de todas as mulheres e na qual, muitas vezes, tentam inserir Amélia, Luísa, Maria Eduarda, entre outras. Nela, ele fala que a mulher deveria ter como únicos destinos ser *menagère* ou *courtisane* (Proudhon, 1875, p.67), excluindo, dessa maneira as possibilidades que as mulheres possuiriam na vida. No entanto, não achamos que todas as figuras femininas de Eça de Queirós possam se encaixar nessa fórmula, inclusive, consideramos que a maioria não se encaixa. Ainda que possamos ver a fórmula expressa através de personagens como Genoveva,

¹ Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – São Paulo – Brasil – daiapereira@usp.br. Este texto é uma versão do trecho S. Joaneira: entre a dona-de casa e a cortesã?, pertencente à tese *A mulher e o olhar masculino em romances de Eça de Queirós*, desenvolvida na instituição supracitada e com o auxílio da CAPES.

de *A tragédia da Rua das Flores*, que não pode ser mãe de Vítor, ao mesmo tempo em que é sua amante, claramente pelo tabu social imposto pelo caso, encontramos outros casos em que o “ou” da fórmula de Proudhon desaparece e vemos a cortesã, a amante, a concubina, na mesma figura da mãe, da dona-de-casa, do anjo do lar. Em *O crime do padre Amaro* vemos tal situação acontecer especificamente em S. Joaneira. Nesse sentido, a mãe de Amélia, adiantando questões que seriam mais profundamente discutidas em *Os Maias* (1888), além de ser a precursora de Maria Monforte e Maria Eduarda da Maia, que se constituem como personagens complexas pela riqueza da construção de suas personalidades, mostraria que Eça de Queirós não permaneceu colado ao pensamento proudhoniano e, mais importante que isso, demonstrou como a situação da mulher no século XIX é muito mais complicada do que se poderia imaginar. Acreditamos que seja o primeiro exemplo dessa mulher que, misturando papéis, tenta lidar com sua condição de vulnerabilidade, ainda que submetida aos homens.

S. Joaneira, a princípio, é diferente das outras beatas. Primeiramente, pela questão mais óbvia, ela é uma viúva com filhos, mãe de um menino que morreu e de Amélia. As outras beatas possuem situações diferentes, como a solteirice ou a viuvez sem filhos, o que não deixa de ser problemático, porém, na construção da personagem de S. Joaneira, o domínio dos padres advém de um problema socialmente bastante específico: devido a sua condição financeira e marginalizada, ela torna-se concubina de padres para sobreviver. Nesse contexto, sua figura é retratada ao mesmo tempo de forma negativa e positiva, tanto por parte do narrador, quanto por parte das personagens, ainda que para o leitor, na maior parte do tempo reste uma visão positiva. Assim, nela se confundem os arquétipos já citados, ou seja, o da amante junto ao da dona-de-casa, configurando o ideal de mulher dedicada à vida privada somada à mulher de vida pública, o que tem alguns efeitos na história.

Logo de início, S. Joaneira é atraente ao olhar das personagens masculinas do livro e mesmo aos leitores. O cônego Dias, no começo do livro, já discorre muito positivamente de seus dotes físicos, mas preferimos nos deter no olhar sobre Amaro que também a observa assim, como vemos abaixo:

A S. Joaneira esperava no alto da escada; uma criada, enfezada e sardenta, alumiaava com um candeeiro de petróleo; e a figura da S. Joaneira destacava plenamente na luz sobre a parede caiada. Era gorda, alta, muito branca, de aspecto pachorrento. Os seus olhos pretos tinham já em redor a pele engelhada; os cabelos arrepiados, com um enfeite escarlate, eram já raros aos cantos da testa e no começo da risca; mas percebiam-se uns braços rechonchudos, um colo copioso e roupas asseadas. (QUEIRÓS, 2000, p. 121)

Como podemos notar, S. Joaneira, colocada assim contra a luz e em contraposição à

empregada aparentemente feia, porque “enfezada e sardenta”, acaba por dar a Amaro, à primeira vista, a impressão de se tratar de uma santa, num nicho, num altar. Apesar de apresentar características que poderiam ser apresentadas como defeitos, como ser gorda ou branca demais, o narrador nota “seus braços rechonchudos” e o seu “colo copioso”, índices de sua beleza. No entanto, através desta oposição de características físicas, temos mais razões para pensar que talvez, nesse primeiro momento, deseja-se representar S. Joaneira como uma boa pessoa, uma boa anfitriã, uma dona-de-casa receptiva, haja visto seu ar pachorrento, o enfeite do cabelo, que demonstra uma necessidade de parecer bem, e a roupa asseada, que mostra além da necessidade de agradar, a capacidade de cuidar de si mesma, mas também dos outros.

Na tentativa de construir uma personagem mais agradável, o narrador a constitui como uma boa anfitriã, porém “com condescendências” (QUEIRÓS, 2000, p. 119), como afirma cônego Dias, afiançado pelo olhar de Amaro, no tempo em que este fica na casa dela. Além disso, recebe muito bem as amigas, outros padres e amigos homens. Essas características trazem dubiedade à figura da mulher, visto que tais “condescendências” podem estar ligadas a uma atitude de flexibilidade frente aos outros, tanto prática, como moral. Devemos lembrar que é necessário a S. Joaneira ser agradável a todos: ao Cônego Dias, porque tudo indica que o ama, mas também porque ajuda na manutenção de seu lar; a Amaro, para manter o dinheiro que entra com o aluguel do quarto; a todos os outros, para manter o grupo social que gira em torno dela, que lhe garante respeitabilidade, condição que necessita por sua condição de amante de um padre, mas também pelo fato de receber hóspedes em casa, fato que era mal visto no século XIX.

Além disso, a senhora aparenta ser boa mãe. Podemos perceber por não deixar faltar nada para Amélia, por se preocupar em dar uma boa educação para sua filha e estar sempre atenta com seu futuro. No entanto, parece que, travestida de certa inocência e credulidade, também trata a filha com condescendência e, quando a menina se apaixona e se entrega para Amaro, é a última a saber, ou melhor, a única que nunca vai saber o que realmente aconteceu.

Pelo tratamento dispensado a seu hóspede, ela acaba sendo vista também por Amaro como uma mãe:

E molhavam ambos o pão, e sem razão davam grandes risada. Mas o crepúsculo crescia, a *Ruça* trazia o candeeiro. O brilho dos copos e das louças alegravam Amaro, enternecia-o mais: chamava à S. Joaneira *mamã*; Amélia sorria, de olhos baixos trincando com a ponta dos dentes cascas de tangerina. (QUEIRÓS, 2000, p. 277)

Ainda que saibamos que essa afirmação é interessada, já que Amaro se aproxima da

mãe para chegar mais perto da filha, é justo dizer que S. Joaneira se constitui como uma figura maternal, não só nesse momento, mas no decorrer de toda a trama. Devemos remarcar que nesse trecho, assim como em outros, é Amaro que assim se insere nesse espaço familiar, fazendo do cotidiano doméstico daquela casa um espaço sexualmente fetichista, como quando vê extrema sensualidade no ato de Amélia comer tangerinas. Mas Amaro vê de fato S. Joaneira como a dona-de-casa exemplar. Por ser órfão quando criança e, depois, padre, nunca tivera os verdadeiros cuidados que caberia a uma mulher dispensar ao filho e a uma esposa dispensar ao marido no século XIX. Assim, o padre busca nessa mulher o cuidado que não teve de uma mãe e, na filha, os cuidados que não poderia ter de uma esposa. Além disso, a aura de aprovação que parece recobrir a figura de S. Joaneira é vista por Amaro, que em se apaixonando pela filha, tenta acreditar que a mãe aprovaria a relação.

Não nos esqueçamos, no entanto, de que os cuidados com o hóspede e a obediência ao padre fazem parte da manutenção financeira e social de S. Joaneira. Assim, ela deve ser excelente dona-de-casa e anfitriã para manter o hóspede que lhe ajuda a sustentar a casa. Precisa também ser agradável com o padre, porque assim a religião manda e para manter o pouco *status* social que adquiriu ao aceitar recebê-lo em casa.

Ao lado da dona-de-casa exemplar, S. Joaneira tem outra faceta. Ela recebe dinheiro de seu amante cônego Dias que, logo à página 109 do romance, insinua que é necessário que Amaro more na casa da mulher, para que ele pudesse diminuir o dinheiro que lhe dava:

— Mais garantias, sr. Mendes, mais garantias! exclamou o cônego. E parando, com uma atitude confidencial: — E depois a mim é que me convinha, Mendes! A mim é que me convinha, meu amigo.

[...]

— Sim, Vossa Senhoria faz muito bem à S. Joaneira...

— E com uma entonação terna, risonhamente, paternal: — Que ela é merecedora, é merecedora. Boa até ali, meu amigo! — Parou, esgazeando os olhos: — Olhe que dia em que não lhe apareça pela manhã às nove em ponto, está num frenesi! “Oh criatura! Digo-lhe eu, a senhora rala-se sem razão.” Mas então, é aquilo! Pois quando eu tive a cólica o ano passado! Emagreceu, sr. Mendes! E depois não há lembrança que não tenha! Agora, pela matança do porco, o melhor do animal é para o *padre santo*, você sabe? É como ela me chama. (QUEIRÓS, 2000, p. 109)

Como podemos ver, a relação entre S. Joaneira e o cônego Dias parece meio dúbia, recoberta por uma máscara de amizade e carinho (o que não deixa de ser verdade), porém, podemos perceber índices de uma relação amorosa, como a visita diária com horário marcado que o eclesiástico faz à mulher, o nervosismo dela quando ele não aparece e a preocupação exagerada dela em relação à saúde dele. Percebe-se, na conversa entre o cônego e o coadjutor

que a situação é escondida, pelo fato de o cônego ser um eclesiástico.

Dessa maneira, S. Joaneira é colocada pelo autor como amante do cônego Dias, podendo se enquadrar na categoria de cortesã, expressada por Proudhon, ou mesmo de prostituta. Ainda que seja com um homem só e que a palavra concubina lhe caia melhor, já que, como mostra Vaquinhas, o concubinato é uma posição de honra dentro do meretrício (VAQUINHAS, 2000, p. 155), podemos perceber que S. Joaneira mantém esta posição, pelos mesmos motivos que recebe hóspedes: pela sua situação de vulnerabilidade econômica e social. Dessa maneira, desde o começo do romance, o leitor pode intuir que S. Joaneira tem uma relação dúbia, podemos dizer mesmo, com o cônego Dias, pela necessidade de sustentar sua casa.

Além disso, nas lembranças da infância de Amélia existem duas informações importantes, que fazem transparecer que seja uma prática de S. Joaneira receber os padres como amantes. Inicialmente, devemos nos referir às informações que concernem à morte do pai da menina. Ela lembra-se que ele morreu novo e que Amélia não o conheceu, mas recorda-se que seu irmão também viera a falecer ainda bebê, quando ela ainda era menina:

Como ela conhecia aquela cantiga! Quando tinha sete anos sua mãe, dizia-a, nas longas noites de Inverno, ao irmãozinho que morrera!
Lembrava-se bem! Moravam então noutra casa, ao pé da estrada de Lisboa: à janela do seu quarto havia um limoeiro e a mãe punha, na sua ramagem luzidia, os cueiros do Joãozinho a secarem ao sol. Não conheceu o papá. Fora militar, morrera novo; e a mãe ainda suspirava ao falar de sua bela figura com o uniforme da cavalaria. (QUEIRÓS, 2000, p. 223-225)

Há que se interpretar estas informações de duas maneiras. Ou Amélia errou nas datas, ou o irmão era filho de outra relação de S. Joaneira. Como podemos ver, Amélia diz que não conheceu o pai, que não se lembra dele, mas recorda-se do irmão ainda bebê, deixando isso claro quando fala dos cueiros e da cantiga de ninar. O irmão tem cerca de um ano, um ano e meio, talvez dois, à época lembrada pela menina, portanto, ela teria entre cinco e seis anos quando ele nasceu, já que tinha sete à época da lembrança. Fica-nos a pergunta: será que uma menina dessa idade não se lembraria do pai? Some-se a isso, a distância da casa onde moram, próxima da estrada de Lisboa, que em outro momento do livro, é referida como distante, ou seja, parece que além de morar, mãe e filhos se escondem e o fazem por motivo escuso. Por fim, se lembrarmos as constantes visitas dos padres, podemos imaginar que Joãozinho tenha sido filho de um deles.

Isso tem duas consequências para o livro. Em primeiro lugar, adianta o destino de Amélia e mesmo do seu filho: assim como a mãe, Amélia terá o filho de um padre e esse filho

irá morrer. É como se pudéssemos dizer que filho de padre não tem destino, não tem futuro. Em segundo lugar, mostraria as poucas possibilidades de estabilidade e sustento para uma mulher viúva e com filho fora do casamento. No caso de S. Joaneira, seria melhor manter as aparências e tornar-se concubina de um padre, tanto por vontade, quanto por hábito, mas, principalmente, por causa da sua situação financeira.

A outra lembrança de Amélia, as visitas do chantre Carvalhosa, mostra que é recorrente na vida de S. Joaneira a situação de ser amante de um padre. Ainda que a filha não suspeite das intenções dessa visita, o modo como a senhora trata o eclesiástico e a maneira com que ele se porta demonstram uma grande intimidade entre os dois:

O chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava de asma ao subir a escada e tinha uma voz fanhosa, vinha todos os dias, como amigo da casa. Amélia chamava-lhe *padrinho*. Quando ela voltava da mestra, à tarde, encontrava-o a palestrar com a mãe, na sala, de batina desabotoada, deixando ver o longo colete de veludo preto com raminhos bordados de amarelo. O senhor chantre perguntava-lhe pelas lições e fazia-a dizer a tabuada. (QUEIRÓS, 2000, p. 225)

Ainda que Amélia veja o chantre como “amigo” da casa e o trate com deferência, chamando-o de “padrinho”, mantendo, assim, um certo decoro, bem se vê que, ainda que a menina não veja maldade na cena, não é comum um padre deixar-se ver, em mangas de camisa, na casa de uma mulher sozinha e, ainda, assumindo a responsabilidade pela educação da filha dela. Assim, o chantre Carvalhosa se impõe como homem com intimidades e responsabilidades na casa de S. Joaneira, e se não pode ser como marido, visto que o celibato não permite, se coloca como amante. Nesse trecho, temos uma cena doméstica que não deveria existir, pois a instituição pública e social em que esse homem exerce seu cargo, a Igreja Católica, proíbe-o, e também a outros eclesiásticos, de estabelecer relações maritais, restando, assim, só o concubinato para S. Joaneira. Desse modo, além de denunciar a situação de imoralidade em que vive o clero português, Eça de Queirós revela a situação complexa em que vivem algumas mulheres em Portugal: devido à situação de marginalidade em que se encontram, é necessário tomar amantes homens que lhes protejam, mesmo que estes amantes sejam padres.

Por fim, podemos dizer que o olhar dos padres, expresso através de Amaro, é sempre incerto, pois veem S. Joaneira como uma mulher pública, digna de não ter respeito e que, portanto, pode passar por situações de dominação e humilhação. Em uma cena do livro, Amaro entra sorrateiramente na casa da rua da Misericórdia e acaba por encontrar S. Joaneira e o cônego Dias em situação de intimidade. Aparentemente, acabaram de ter uma relação sexual. Essa parte é de grande importância no livro, pois, além de comprovar o falatório sobre

o caso dos dois, acaba por justificar as investidas amorosas e sexuais de Amaro sobre Amélia. Vejamos:

Vinham-lhe então outras reflexões: que gente era aquela, a S. Joaneira e a filha, que viviam assim sustentadas pela lubricidade tardia de um velho cónego? A S. Joaneira fora decerto bonita, bem feita, desejável – outrora! Por quantos braços teria passado até chegar, pelos declives da idade, àqueles amores senis e mal pagos? As duas mulherinhas, que diabo, não eram honestas! Recebiam hóspedes, vivam na concubinação. (QUEIRÓS, 2000, p. 289-291)

Amaro, ainda que reconheça a necessidade de sustento de S. Joaneira, desmerece a mulher que o recebeu como uma boa anfitriã e uma mãe e, julgando mãe e filha, desconstrói a imagem familiar que havia formado. Ele, nesse momento, passa a reconhecer a sensualidade e a beleza de S. Joaneira, mas reforça que estão desgastadas pela idade, e duvida da dignidade da mulher, perguntando-se “por quantos braços teria passado”. O padre julga-a por ser uma concubina em idade avançada e é mesquinho a ponto de imaginar o pagamento da senhora, que pela idade, segundo ele, seria pouco. Tudo isso o faz chegar à conclusão de que Amélia também é concubina, já que ao final dos trechos, as características que imputa à mãe, já se espriam para a filha, quando diz na terceira pessoa do singular passa para a terceira do plural. Já não é só S. Joaneira, mas também Amélia que não é honesta e vive em concubinação.

Podemos dizer que a situação de contraposição entre a mulher privada e a mulher pública aí se torna problemática, pois Amélia, até então concebida como anjo-do-lar, como amada platônica e, talvez, como namorada, passa a ser vista como uma prostituta ou concubina, uma mulher de vida pública, assim como Amaro e, podemos dizer, os padres consideravam sua mãe:

Amélia ia sozinha à igreja, às compras, à fazenda; e com aqueles olhos tão negros talvez tivesse tido um amante! — Resumia, filiava recordações: um dia que ela lhe estivera mostrando na janela da cozinha um vaso de rainúnculos, tinham ficado sós, e ela, muito corada, pusera-lhe a mão sobre o ombro e os seus olhos pediam; outra ocasião roçara-lhe o peito pelo braço! A noite caíra, com uma chuva fina. Amaro não a sentia, caminhando depressa, cheio de uma só ideia deliciosa que o fazia tremer: ser o amante da rapariga, como o cónego era amante da mãe! Imaginava já a vida escandalosa e regalada; enquanto em cima a grossa S. Joaneira beijasse o seu cónego cheio de dificuldades asmáticas, — Amélia desceria ao seu quarto, pé ante pé, apanhando as saias, com um xale sobre os ombros nus... Com que frenesi a esperaria! E já não sentia por ela o mesmo amor sentimental, quase doloroso: agora a ideia muito mangana dos dois padres e as duas concubinas, de panelinha, dava àquele homem amarrado pelos votos uma satisfação depravada! Ia aos pulinhos pela rua — Que pechincha de casa! (QUEIRÓS, 2000, pp. 289-291)

A liberdade que Amélia tem de andar pela rua, de realizar tarefas sozinha e o simples

ato de roçar em seu braço, são considerados por Amaro atitudes de uma mulher pronta a se abrir ao sexo, pronta a ter amantes. A imaginação do padre põe-se a funcionar e Amaro idealiza a mãe tendo relações com o cônego no andar de cima, ao mesmo tempo em que ele tem relações com Amélia no andar de baixo, numa situação que rebaixaria as duas mulheres. Os adjetivos usados pelo narrador demonstram que a sensação de rebaixamento e imoralidade vem dos pensamentos do padre, o que demonstra não mais uma paixão inocente por Amélia, mas um desejo de satisfação física: ele pensa na “*vida escandalosa e regalada*”, S. Joaneira já não é mais a “*mamã*” e o amor dele por Amélia já não é mais “*sentimental*”, mas uma “*ideia magana*”, Amaro conclui, muito hipocritamente, com o mesmo prognóstico que fizera o cônego Dias, no primeiro diálogo do livro, por nós já analisado, “*A casa é uma pechincha*”, tendo claro aqui que “*casa*” se referem também às mulheres da casa.

Tudo aqui é rebaixado, mas a ideia principal é degradar a figura de S. Joaneira e de Amélia, justificando a sedução e a queda da moça. Nesta cena, a figura da mãe e de dona-de-casa perfeita de S. Joaneira se esvai e Amaro, perdendo o respeito pela casa, pelos costumes do lugar em que habita, passa a investir sobre a filha. Não importa mais a subsistência e a dignidade das duas, mas o desejo “brutal” do jovem padre. Amaro, nesse caso, esquece a mãe, esquece a esposa e só vê a mulher pública, a prostituta, que pode satisfazê-lo, ainda que S. Joaneira e Amélia não deixem de ser as pessoas que eram.

São as condições financeiras de S. Joaneira que fazem com que ela tenha em si a condição de dona-de-casa e amante, mãe e concubina. Uma coisa não exclui a outra, como queria Proudhon. Acreditamos que essa situação possa acontecer com S. Joaneira, porque ela está também na posição de viúva. Como a historiografia sobre as mulheres mostra, as viúvas sempre tiveram alguma liberdade, relativamente às mulheres solteiras, inclusive chegando a ser chefes de família bem-sucedidas em algumas situações. No entanto, como diz Nicole Arnaud-Duc, sem a família, vive mal, “*porque a família repressiva, é também uma célula protetora*” (apud PERROT, 1991, p. 132). Sem uma família nuclear, apenas com mãe e filhos, sem o homem provedor, há que se buscar um sustento para si e para os filhos e é isso que faz S. Joaneira.

Além disso, a viúva do século XIX possui certa liberdade sexual, tal como nos exemplifica o próprio Eça de Queirós através de D. Maria da Assunção, que apesar de ser julgada pelo cônego Dias, ao fim do livro, tem e sustenta um amante. No entanto, diferentemente de D. Maria da Assunção, S. Joaneira não tem grandes posses e, por isso, usa sua aparente liberdade sexual, assim como a sua figura de boa mãe, boa anfitriã e boa dona-de-casa, para sustentar-se e à filha, não só economicamente, para a sobrevivência da casa,

como dissemos inúmeras vezes (o narrador chega a referir-se que, antes de ter padres como amantes, ela e a filha haviam passado fome), mas socialmente, pois, junto aos padres e o séquito de beatas que os seguem, adquire um grau mínimo de respeitabilidade para si, para sua filha e para sua casa. No entanto, essa liberdade sexual quase não existe, pois como podemos observar através de nossa análise, S. Joaneira não escolhe amantes: ela acaba por ser apenas amante de padres.

Como o livro acaba apontando, esta confusão dos graus de idealização que se fundem em S. Joaneira, ou seja, a mulher domesticada e a mulher pública, podem representar um perigo, pois além das impossibilidades inerentes às duas condições pela dependência do homem que condicionam as duas, também podem marcar seus descendentes. A hereditariedade em Eça não está na genética, mas nos costumes que uma sociedade passa de geração para geração: não é da natureza de S. Joaneira, nem de Amélia se apaixonarem por padres, mas os costumes vigentes em Portugal não possibilitam que tais mulheres sejam outras coisas que não aquilo. Assim, ao ver S. Joaneira desta forma, como mãe e prostituta, parece meio natural a Amaro achar que a filha pode abrir sua casa, seu quarto e seus afetos para ele também. Porém, o personagem não consegue compreender que a situação de vulnerabilidade econômica e social colocam a mãe em tal situação e que sua lógica torpe poderia colocar a filha.

Evidentemente o livro não está de acordo com isso. Ao contrário, a denúncia de forma clara e contundente. Acreditamos que Eça de Queirós, ao iniciar “*a biopsia da sociedade portuguesa*” (BERARDINELLI, 1985, p. 110) estaria denunciando não só os mandos e desmandos do clero, mas também denunciando a situação de subalternidade de mulheres que como S. Joaneira precisam se desdobrar em diversos papéis a fim de driblar as impossibilidades de uma sociedade dominada por homens e nas quais não possui quase nenhuma possibilidade de falar ou ser ouvida. Tanto é assim, que S. Joaneira quase nunca fala: nem mesmo sabemos por ela própria a dor que sente ao perder a filha.

Dessa maneira, podemos ler S. Joaneira como o exemplo dessas mulheres portuguesas que vivendo aprisionadas em sua própria casa, emparedadas pelo ambiente e pela fala do outro, além de estarem fadadas aos defeitos e características negativas que lhes são atribuídas, estão impossibilitadas de construir um destino diferente de tudo aquilo que a sociedade lhes impetra. Assim, ao passar de mãe para a filha o destino que a espera, Eça de Queirós estaria mostrando a tragicidade do destino dessas mulheres que ousam ter corpos, desejos e vontades, mas que dominadas pelo poder opressor masculino, não podem ser mais nada, além daquilo que delas se espera.

Referências

ARMAND-DUC, Nicole. As contradições do Direito. In: FRAISE, Geneviève; PERROT, Michele. *História das mulheres no Ocidente*. Porto, São Paulo: Edições Afrontamentos – Ebradil, 1991. p. 97-137.

BERARDINELLI, Cleonice. Para uma análise estrutural da obra de Eça de Queirós. In: _____. *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional- casa da Moeda, 1985. p. 109-121.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

MATTOS, A. Campos. *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 1998.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Dans la Justice dans la Révolution et dans l'Église, nouveaux principes de philosophie pratique*. Paris: Imprimerie de P. – A. Bourdieu et Cie, 1858.

_____. *La pornocratie, ou les femmes dans les temps modernes*. Paris: LibrairieInternationale A. Lacroix et C e Éditeurs, 1875.

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. 2ª e 3ª versões. Lisboa: Imprensa Nacional-casa da Moeda, 2000.

_____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2000. 4v.

VAQUINHAS, Irene. *Senhoras e Mulheres na Sociedade Portuguesa do Século XIX*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.